

Brincar não é brincadeira

Marcelo de Abreu Maciel

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia.

Mestre em Educação pela UFRJ, psicólogo, doutorando do curso de Pós-graduação em Psicologia Social do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/ UERJ.

O brincar é uma forma privilegiada para a criança habitar e lidar com o mundo. Quem convive com crianças saudáveis percebe que elas brincam a todo instante, afirmando que esta é a sua maneira de existir, de aprender e se relacionar. Andando pelas praças de uma cidade, por suas áreas de lazer ou simplesmente pelas ruas, onde encontrarmos crianças, vemos rastros de brincadeiras, jogos, brinquedos. A criança tem uma forma particular de perceber, organizar e interpretar o ambiente e o faz a partir de um registro lúdico no qual o mundo parece ser reinventado a todo instante, escapando a uma lógica adulta pré-determinada.

Autores das mais diversas áreas de conhecimento – Psicanálise, Psicologia do Desenvolvimento, Filosofia, Sociologia, Pedagogia – são unânimes em afirmar, cada um a partir de sua trajetória e lógica teórica, que o brincar é a linguagem fundamental da criança, sendo o que nos permite entrar na intimidade de suas vivências cotidianas, desde que estejamos disponíveis e implicados em acompanhá-la.

O brincar está presente desde os primeiros momentos da vida de uma criança. Os primeiros contatos da mãe com seu bebê se dão de forma lúdica. Ali entre a mãe e seu filho, se esboça um jogo de reconhecimento e descoberta no qual o brincar

é uma peça fundamental. Este jogo, este espaço lúdico, isto que acontece entre uma criança ainda muito pequena e quem dela cuida, diz respeito à própria constituição do sujeito. Ou seja, é graças a esse movimento inicial, a este lugar lúdico que é dado a uma criança logo no início, que poderemos dizer que algo irá marcá-la e começará a dar sentido a sua existência. O fato de um bebê ainda não falar, ainda não produzir um discurso, não quer dizer que um Outro não tenha que se colocar como seu interlocutor, pois é justamente este fato que vai permitir que essas crianças tão pequenas possam ir adiante em sua constituição. Não basta que, fisiologicamente, a cria humana seja bem nascida, é preciso que alguém crie um lugar amoroso e haja um investimento familiar para recebê-la. Esse lugar deve garantir um nome que particularizará a existência da criança, um discurso e um corpo reconhecido como seu, ou seja, a construção de um “sentimento de si mesmo”. Porém, isto ainda não basta: ela terá pela frente todos os desafios do mundo da cultura com seus códigos e seu mal-estar, colocando-a na situação de ter sempre de inventar e reinventar o mundo para habitá-lo.

Entender o fenômeno lúdico como algo inerente à condição humana é entender que o trabalho e o convívio com crianças passam necessariamente pelo brincar. Seja numa

escola, numa creche, nas famílias, nos ambulatórios ou nos Centros de Atenção Psicossocial para a infância e juventude, o papel do brincar, como uma forma de estabelecimento de uma relação/vinculação a uma criança, é fundamental.

Mas, especificamente ao campo da saúde mental com crianças, como podemos pensar a importância do papel do brincar? Penso que três caminhos são necessários para responder a essa questão. O primeiro diz respeito ao que foi dito até aqui. O brincar não é uma técnica usada ou aprendida para se trabalhar com crianças. Como se nós, adultos, é que estivéssemos dizendo para uma criança o que é o brincar e como ela deve brincar, o que é certo, o que é errado. Uma criança chega para um tratamento trazendo o seu potencial lúdico, trazendo aquilo que lhe é constitutivo. Apresentar um grau maior ou menor de inibição em relação ao seu ato de brincar é outra questão. Mas não se trata de ensinarmos a uma criança o brincar. Estamos falando de crianças que, a princípio, não apresentaram nenhum tipo de interferência grave no curso de seu desenvolvimento que as tenha impedido de uma ação lúdica diante do mundo e do outro.

Perguntamos para um adulto no início de um tratamento alguma coisa do tipo *o que o traz aqui?* Para uma criança, além das colocações

dos pais ou de outros adultos que e demandam um tratamento para ela, esta indagação estará, muitas vezes, mediada pelo espaço lúdico que se estabelece entre paciente e terapeuta. É preciso que um *espaço lúdico* se instale para que algo possa advir no campo da comunicação dessa criança. Ou seja, para além dos os adultos que circundam a criança, é preciso que ela seja escutada e aí poderemos trabalhar com ela, dentro de suas possibilidades, a questão: *o que a traz aqui?*

Quando a avó de Flávio, 3 anos, chegou ao CARIM para uma triagem ela disse: “*estou vindo aqui por que ele é muito levado, bate nos colegas na escola e é muito agitado, não respeita ninguém*”. Sem contato com os pais, Flávio mora com sua irmã e a avó materna. Durante as primeiras entrevistas com Flávio, ele brincava pela sala avidamente, usava todos os brinquedos e convocava o psicólogo para brincar com ele, no que foi atendido na maioria das vezes. Isso se repetia em várias sessões até que Flávio passou a apresentar um brincar mais centrado em apenas um jogo e uma história. Pegava bonecos, bonecas, falava da mãe, do pai e que *ele rezava para Deus para voltarem*. Após algumas sessões iniciais, Flávio fala da saudade da mãe, do pai e que a coisa que ele mais quer é que eles voltem para casa. A partir daí, pode-se retornar a uma conversa com avó

que me diz, realmente, que ele sente muita falta dos pais. A questão que, na fala inicial da avó, aparece como agitação e ausência de limites, na fala de Flávio aparece, após esse período de real agitação, como um brincar que permite que ele possa falar de sua saudade, da falta de seus *limites iniciais de pai e mãe*, o que Winnicott chamou de *ambiente* para uma criança no início de sua vida. Constatamos que o brincar dessa criança é revelador das circunstâncias da sua vida mental, ou seja, o importante não é o exclusivamente o manipular de brinquedos em si mesmo, mas o campo de escuta simbólico que se abre nesse momento.

Um segundo ponto na nossa questão inicial seria dizer que o brincar é importante para o campo da saúde mental na infância, pois é um dispositivo fundamental no que diz respeito ao planejamento, implementação e desenvolvimento de novas estratégias de cuidados para crianças. No momento em que se necessita de políticas públicas e espaços de acolhimento e cuidado para crianças e jovens, devemos reconhecer que estamos no campo do fenômeno lúdico por excelência. Uma ação voltada para esta população e que inclui o lúdico em sua formulação estará formulando uma política que, de saída, possui um pertencimento intrínseco à causa da infância.

Um terceiro e último aspecto diz

respeito à importância da atividade lúdica mesmo para os quais esta não se faz presente: as crianças que não brincam, que estão isoladas, manipulando objetos, que apresentam uma extrema dificuldade de estar em jogos grupais lidando com o outro, com regras, perdas e ganhos. Partindo da ideia que o brincar possui um valor estruturante para uma criança normal, que através dele pode elaborar e ressignificar situações traumáticas, podemos concluir que: a possibilidade de brincar deve ser ofertada às crianças que possuem dificuldades psíquicas graves ou que estão passando por um momento de desorganização no que diz respeito ao seu cotidiano, seu grupo ou a sua família. Através do brincar operamos com um poderoso instrumento com potencial constitutivo do espaço psíquico e reparador da sua ruptura.

Quando Lucio chegou ao CARIM ficou claro que ele tinha muitas dificuldades para um adolescente de 16 anos. Ele se comportava como uma criança pequena. Nada no Serviço o interessava e ele se sentia deslocado. Tinha dificuldades de ficar com o grupo e entender a dinâmica das atividades. Contudo, só uma coisa era fundamental e visível para Lucio nesse espaço: o brincar. Observando esse fato, a equipe pôde brincar com ele dentro de um universo que lhe era próprio. Brincava-se de puxar um carrinho pelo CARIM, de bola, de

boneco e de soltar pipa. Talvez isso tenha permitido que a equipe estivesse com Lucio a partir de como ele se apresentava naquele momento, com suas dificuldades e defasagem etária. Era preciso criar a disponibilidade para entrar nesse universo que Lucio nos mostrava e começar um trabalho com ele.

A atividade lúdica deve ser um instrumento nas abordagens no campo da saúde mental para crianças e jovens, pois é ele que pode possibilitar um deslocamento de onde só se vê doença para algum lugar estruturante para uma criança ou um adolescente. O brincar é livre, até mesmo supérfluo, e por isso mesmo mais desejável. Surge da tensão e da incerteza, mas tende a criar a ordem, que é parente da beleza. Schiller *-nas Cartas sobre a educação estética do homem-* coloca o jogo como fenômeno fundamental na civilização quando afirma: “O homem joga somente quando é homem no pleno sentido da palavra, e só se torna homem plenamente quando joga.”.

Presente desde as primeiras fases de desenvolvimento infantil, a possibilidade de brincar é fonte de liberdade e criatividade. Sua inibição é indicativa de riscos quanto à saúde mental. Brincar é um ato seríssimo: para as crianças condição de crescimento, para os adultos, ligação à infância e fonte de experiências culturais.